

PRINCÍPIOS DE UMA ECONOMIA CRISTÃ *

PAPA PAULO VI

Os dirigentes de empresa foram os grandes agentes criadores da civilização industrial contemporânea, com todas as grandezas e todas as falhas que ela comporta. Seria obsoleto quem a criticasse utilizando os conceitos de um marxismo superado, mas seria também ingênuo quem imaginasse que ela tem possibilidades automáticas de resolver todos os problemas humanos e sociais. Aos dirigentes cristãos de empresa, imbuídos da concepção cristã da vida e do trabalho, cabe a nobre e ingente tarefa de preparar o advento de uma sociedade mais justa e mais cristã. Apresentando, sob forma de artigo, o texto de PAULO VI, SÍNTESE tem consciência de estar divulgando a verdadeira Carta Magna do dirigente cristão de empresa.

AGENTES econômicos, como hoje se diz, empresários, dirigentes, produtores de riqueza, organizadores de empresas modernas, sejam industriais ou agrícolas, comerciais ou administrativas, Nós os consideramos a todos com verdadeiro respeito. Criadores de trabalho, de emprêgo, de formação profissional, capazes de dar ocupação e pão a uma multidão enorme de trabalhadores e de colaboradores. por conseguinte, transformadores da sociedade pelo desenvolvimento das forças operatrizes que a ciência, a técnica, a estruturação industrial e burocrática põem à disposição do

* Alocução do Papa PAULO VI, proferida aos 8 de junho de 1964, em audiência especial aos participantes do XI Congresso Nacional da União Cristã dos Chefes e Dirigentes de Empresa (UCID).

homem de hoje. Com os professôres e os médicos, estão êles entre os principais fatores de transformação da sociedade, entre aquêles que mais influem sôbre as condições da vida humana e que lhe abrem novas e imprevisas possibilidades. Seja qual fôr o juízo que dêles se queira fazer, dever-se-á reconhecer a sua coragem, seu poder, sua indispensabilidade. A função dêles é necessária a uma sociedade que vai buscar no domínio da natureza a sua vitalidade, a sua grandeza e a sua ambição. Têm êles numerosos méritos e grandes responsabilidades.

IGREJA E MUNDO MODERNO

Os dirigentes de empresa são os representantes típicos da vida moderna, que se qualifica como tôda condicionada e plasmada pelo fenômeno industrial. Nêles queremos assinalar um desenvolvimento magnífico das faculdades humanas, as quais, empregadas segundo as regras características da tradição cristã, deram uma demonstração de imensas e soberbas possibilidades e revelaram, mais ainda, a fulguração de Deus na face do homem e os reflexos de um Pensamento transcendente que domina o cosmo aberto pelos estudiosos a novas explorações e pelos organizadores empresariais a novas conquistas.

A posição que assim êles ocupam no quadro da vida contemporânea é eminente, estratégica, representativa. E Nós, como todo aquêle que observa com olhar objetivo a realidade histórica e social que nos rodeia, Nós damos testemunho, sinceramente, da importância dos homens de empresa e a êles, no muito que têm de bom, manifestamos nossa gratidão, nosso aplauso e nosso estímulo. Êsse nosso reconhecimento é sinal da atitude da Igreja em relação ao mundo moderno: uma atitude de quem observa, de quem admira, de quem ama.

Se, com isso, refletimos na existência de homens que, à qualidade de empresários e de dirigentes, aliam a qualidade de cristãos e não apenas de cristãos de fato, mas de cristãos de fé sincera, simples, viril, vigilante e ativa, Nossa admiração se faz afetuosa e logo em Nós aparece a necessidade

de um diálogo do qual êles já conhecem os têrmos e já adinham as dificuldades, como os benefícios.

Não é fácil, com efeito, introduzir o elemento cristão na fórmula que define o dirigente de empresa. Todo o sistema ideológico que o sustenta entra em crise: críticas, denúncias, deveres se insinuam como elementos novos na sua própria fórmula. Essa põe dificuldades em ser dêsse modo perturbada, quase ferida na sua simples e límpida expressão originária, como que invadida por um reagente estranho ao seu sistema: que têm a ver, no campo empresarial, a religião, o Evangelho, a Igreja? Não se trata, no caso, de elementos heterogêneos? Não haverá aí uma contaminação no rigor científico e específico que governa e enfeixa em si mesmo o ciclo das atividades gerenciais?

VALORES HUMANOS E ESTRUTURAS BUROCRATICAS

O dirigente cristão de empresa compreende que não há razão de ser dessas objeções, desde que se considerem tais atividades como incluídas numa atividade mais ampla, a atividade própria do homem, a atividade moral; desde que se tenha presente a finalidade à qual se dirige o gigantesco labor empresarial: a vida do homem, na sua complexidade, na sua totalidade, na sua dignidade, no seu superior e imortal destino. Mais ainda: êle compreende que aquelas objeções fechariam o caminho que permitiria a entrada, no seu setor de atividades, de alguns fatores espirituais cuja ausência causa, em grande parte, as deficiências, as desordens, os perigos, os dramas que se encontram — e de que modo! — nos domínios da civilização industrial.

Antes de gerar inquietações, o elemento cristão já as encontra ao penetrar no campo gerencial, e que inquietações! Quem ousaria afirmar que o fenômeno sociológico decorrente da organização moderna do trabalho é um fenômeno de perfeição, de equilíbrio, de tranqüilidade? Não se trata exatamente do contrário? Não é isso o que a história prova de modo evidente? Aliás, é o próprio chefe de empresa que experimenta êsse estranho resultado de seus esforços, qual seja a aversão contra êle nascida justamente naqueles aos

quais oferece novas formas de trabalho. Suas emprêsas, maravilhosos frutos de seu labor, são para êle muitas vêzes causa de desgosto e de oposições. As estruturas mecânicas e burocráticas funcionam perfeitamente; não, porém, ainda as estruturas humanas. A emprêsa, que é, por exigência de sua própria constituição, uma colaboração, um acôrdo, uma harmonia, aparece hoje ainda como um conflito de vontades e de interêsses. É ela considerada, às vêzes, como um motivo de acusação entre aquêles que a constituem, que a dirigem e que a administram. Não se diz dos chefes de emprêsa que são os capitalistas e os únicos culpados? Não são êles, na verdade, o alvo da dialética social?

Deve haver com certeza alguma coisa de profundamente errado, de radicalmente falho no próprio sistema que dá origem a tais reações sociais.

UM SISTEMA QUE AINDA DIVIDE OS HOMENS

É certo que quem fala hoje, como tantos o fazem, do capitalismo, de acôrdo com os conceitos que o definiam no século passado, dá prova de estar atrasado em relação à realidade das coisas. Isso não obstante, é fato que o sistema econômico-social gerado pelo liberalismo manchesteriano e pre-valecete na concepção da posse unilateral da propriedade dos bens de produção, não é a perfeição, nem a paz, nem a justiça, já que divide os homens em classes irredutivelmente opostas e que assim caracteriza a sociedade pelos dissídios profundos e lancinantes que a atormentam, contidos apenas pela legalidade e pela trégua momentânea de algum acôrdo suspendendo a luta sistemática e implacável que deve levar ao domínio de uma classe sôbre a outra.

O dirigente cristão de emprêsa compreendeu aquilo que as encíclicas sociais continuamente afirmam; ou seja, a necessidade do coeficiente religioso para dar solução às relações humanas decorrentes da organização industrial. Não para empregar êsse coeficiente religioso como um simples corretivo paternalístico e utilitário que amortença a explosão passional e fâcilmente subversiva da classe trabalhadora em relação à classe empresarial, e sim para encontrar, à sua luz,

a falha fundamental de um sistema que pretende considerar como simplesmente econômicas e automaticamente reguláveis as relações humanas originadas do fenômeno industrial, e ainda para sugerir que outras relações a devem integrar a fim de regenerá-la segundo a visão que emana da luz do cristianismo: em primeiro lugar o homem, em seguida o resto.

É belo notar como o cristianismo, que proclama o primado de Deus sobre todas as coisas, afirma, por isso mesmo, no campo das relações materiais, o primado do homem. Como é belo observar que este primado se baseia no reconhecimento da soberania, como da paternidade de Deus sobre o homem, motivo que estimula e justifica o dinamismo social, o progresso civil ao qual, consciente ou inconscientemente, o fenômeno industrial imprime seu movimento inelutável, constituindo-lhe, no fundo, a mais nobre inspiração e o mais indiscutível merecimento.

ACEITAR A MENSAGEM CRISTÃ

O dirigente cristão de empresa compreendeu assim muitas coisas difíceis e redentoras.

Compreendeu que é preciso sair do estágio primitivo da era industrial, no qual a economia do lucro unilateral, quer dizer, egoístico, regia o sistema e no qual se esperava que a harmonia social resultasse naturalmente do determinismo das condições econômicas em jogo. Compreendeu que tantos malefícios oriundos da procura do bem-estar humano, fundado apenas e prevalentemente sobre os bens econômicos e sobre a felicidade temporal, nasceram exatamente dessa concepção materialista da vida, e isto é devido não somente àqueles que fazem do materialismo dialético o dogma fundamental de uma triste sociologia, como também àqueles outros que colocam o bezerro de ouro no lugar que cabe ao Senhor dos céus e da terra.

Compreendeu que, para ele, a aceitação da mensagem cristã constitui um sacrifício; ao passo que para as categorias humanas dos que nada possuem é ela uma mensagem de felicidade e de esperança, para ele é uma mensagem de

responsabilidade, de renúncia, de temores. Mas, por se tratar de uma mensagem cristã, êle a acolhe corajosamente, confiantemente, com a esperança que a sua difícil aplicação exige. Sim, ela exige a superação do egoísmo natural à economia que se faz regra de si mesma. Sim, sua aplicação restabelece a escala de valôres, fazendo da economia um serviço necessário, e mais do que isso, um ato de amor, que confere ao agente econômico a dignidade de benfeitor social e a íntima satisfação de ter dedicado suas enormes energias a alguma coisa que vale e perdura: a humanidade; alguma coisa que transcende o tempo e constitui crédito para a eternidade: "Tinha fome . . . tinha sêde . . . estava nu . . . e vós me destes de comer, e vós me destes de beber, e vós me vestistes" (Mt. 25,40).

Sentimos perfeitamente as dificuldades internas e externas que se opõem às suas vontades e às alheias para a formação de uma nova sociologia fundada sôbre a concepção cristã da vida e que impedem a reformulação dessas estruturas segundo tal concepção. Tanto mais razão temos para louvar os propósitos e encorajar os esforços daqueles que, como os dirigentes cristãos de emprêsa, se empenham nesta tarefa.

A ação paulatina, embora lenta, é a mais sábia. E não é preciso ir longe para encontrar o caminho. A estrada está aberta nas linhas do desenvolvimento da sociedade moderna. E segue para aquêle bem comum que exige a superação dos interesses particulares e da mentalidade que hoje opõe o capital ao trabalho, a utilidade própria ao interesse comum, a concepção classista à concepção orgânica da sociedade, a economia privada à economia pública, a iniciativa particular à iniciativa racionalmente planificada, a autarquia nacional ao mercado internacional. Em uma palavra: as vantagens próprias aos benefícios da fraternidade humana. É preciso ter visão nova, a visão ampla e universal do mundo, à qual nos convida o curso mesmo da história e à qual nos estimula o cristianismo de todos os tempos.

Os chefes de emprêsa, agentes da economia, foram os pioneiros na formação da moderna sociedade industrial, técnica, comercial. Chefes cristãos de emprêsa, agentes eco-

nômicos cristãos, podem ainda, de modos diversos, com novas virtudes, ser pioneiros na formação de uma sociedade mais justa, mais pacífica, mais fraterna. São os homens das idéias dinâmicas, das iniciativas geniais, dos riscos salutares, dos sacrifícios benéficos, das previsões corajosas. São capazes de grandes coisas, com a fôrça do amor cristão. E Nós, que somos, por dever de nossa missão, o defensor dos humildes, o advogado dos pobres, o profeta da justiça, o arauto da paz e o promotor da caridade, Nós exortamos a todos eles que assim sempre procedam.